

T10483

SIST. 59306

REY  
CLI 0271  
SIST. 59306

0320155-49

1. Rinaldo Moura
2. Meio de semana
3. Correio do Povo
4. O romance escrito através do cotidiano do jornal
5. Porto Alegre
6. 17 de março de 1949
7. nº 140
8. Seção - Arte e Literatura
9. bom
10. Amélio Ester
11. 12 de abril de 1994

#### MEIO DE SEMANA

(Especial para "Correio do Povo")

Rinaldo Moura

Cada dia que passa fica impresso em muitas páginas de jornal. Se a gente quiser, pode imaginar o volume e a extensão dessa leitura diária, meditando sobre o número de cidades do mundo e o número de jornais em cada cidade. As horas desfeitas em cinza dos

dias mortos se afastam em silên-  
ciosa torrente. Mas o imenso diá-  
ma do mundo, fica para sem-  
pre nas páginas desse mons-  
truoso romance de cada dia, e  
como tudo é folha morta e  
graveto que passa nas águas  
do rio da vida, esse romance  
de suor e sangue corre pará-  
lelo à ficção também impres-  
sa, e ninguém sabe depois,  
qual dos dois é mais real e  
mais vivo, pois ambos existem  
em função um do outro e fi-  
nalmente se um existe é porque  
existe o outro.

Através dos séculos a vida  
vai se imprimindo e perdure  
mais algum tempo. Mas não  
é necessário tanto. Um mês na  
aventura coletiva, e teremos a  
montanha de papel impresso.  
Uma semana na existência do  
mundo, e em cada hora desses  
sete dias de permanente cria-  
ção representará um romance  
que se inicia, um romance que  
continua, outros tantos que atin-  
gem sua página final. Como  
a vida de nós está ligada  
proximamente ou remotamente aos

turbilhões da vida do mundo não há propriamente aventura particular de cada um, mas drama pessoal suspenso sobre o drama total, aspecto particular ligado por laços invisíveis ao grande drama universal. Nem Robinson na sua ilha de solidão, depois de ter sentido em torno de seu espírito as ondas do invisível mar da consciência coletiva, poderá se isolar totalmente nas suas condições humanas. O misterioso solas que apertamos agora aqui neste recanto tranquilo de nossa existência familiar, vai determinar a morte do chinês em Peking.

Podemos imaginar um romance escrito por um escritor louco durante uma eternidade de alguns anos de extenuante dactilografia, em algumas resmas de papel, com dois espaços. Alguns milhares de páginas, naturalmente, ao gosto do momento, para um livro grosso que impressione bem. Nesse romance experimental seriam estudadas as relações entre os inumeráveis personagens

possíveis e ~~em~~ em certo momento do mundo. Para facilitar, a história poderia ficar limitada a um continente, a um único país, melhor ainda a uma cidade, o entrosamento vital do enredo do romaneau através dos personagens vivos do cada um o seu drama e todos em ligação, sintonizados uns com os outros, às vezes sem saber como sucede realmente na vida. As causas que determinam os acontecimentos são indiscerníveis quando desejamos encontrar suas raízes mais remotas. A existência humana é a resultante de um turbilhão de fatores perdidos na raça das grandes massas, circulando entre os edifícios urbanos, maquinando coisas na penumbra dos interiores, na solidão das insónias. Cada manhã que inaugura a luminosa cor de um novo dia, encontra em atividade os pequenos bonecos do mundo, e cada um geralmente traz para a vida um novo plano de consequências imediatas ou

ou remotas, sempre contando com seus semelhantes, sempre interferindo na existência dos outros. Toles e nós somos os outros. Somos também a origem parcial das modificações alheias e nossas, todo mundo interfere e age; a trama da vida, se pudesse ser vista a olho nu, no tempo e no espaço, seria um emaranhado de fios comunicando quase todos os seres em si, numa interdependência avassaladora.

Nossa romana fragmentária está escrita nos jornais de cada dia. Se nossa capacidade de lucidez fosse total, sentiríamos as ligações entre os fatos, as pessoas, as causas e consequências de tudo que vem exposto em letra de forma e é o relatório simplificado dos interesses da vida humana em uma cidade, um país, um mundo. Costumamos nos interessar apenas pelo romance privado de alguns representantes da humanidade. Isso evidencia o nosso egoísmo, a aquisição do nosso amor próprio. Se

REY  
CLI 0271  
SIST.59306

O romance fosse total estaria perdido na extensão de seu enredo universal e não o captariamos com a mesma facilidade proporcionada pela nossa pobre capacidade mental. Vivemos aos pedaços, admiramos em fragmentos. Mas o grande drama aí está para quem se dispuser a examiná-lo, e neste instante do mundo se escreve com a tinta secreta da diplomacia da pre-guerra, e ainda bem que não passou de seu primeiro capítulo.